

NAS SOMBRAS DA SANIDADE

Sempre me foram objeto de fascínio as peculiaridades da mente humana, seus defeitos e manias. Via nos pensamentos dos loucos aquilo que me faltava, um sentido arrancado de meu corpo pela ingrata sanidade. E foi procurando-o que me tornei psiquiatra. Logo que me formei e abri minha clínica, percebi que nascera para aquela vida. Cada paciente que atendia, cada história que escutava, tudo auxiliava a preencher o incompreensível vazio em minha alma. Estudava ávido cada um dos casos que a mim chegava. Dedicção que, fazendo repercutir meu nome pelas ruelas da cidade onde vivia, agraciou-me com abundância em doentes buscando meus tratos.

Atuava num singelo apartamento cedido a mim por um parente. Logo após ganhá-lo, transformei o lugar para um aspecto que atendesse às minhas expectativas. A clínica, embora pequena, destacava-se em meio à mesquinhez do bairro, emanando um ar elegante provindo creio que de meu gosto para a decoração. Trabalhava sozinho, realizando desde os agendamentos até a limpeza, seguindo por meses com inabalável entusiasmo.

Era uma manhã fria de outono quando se deu início minha ruína. Caminhava em passos lentos pelo chão de concreto; o ar gelado arranhando meus pulmões conforme eu respirava. Aproximando-me da clínica, vi-o pela primeira vez.

Ele estava sentado na calçada em frente ao prédio, o corpo encolhido protegendo-se do frio. Seu semblante abatido logo se iluminou sob minha chegada, com tal esperança que eu não acredito já ter visto em outro homem. Levantou-se: era pálido e esguio, destacando-se seu aspecto desolado acentuado pelas roupas rasgadas e o cabelo mal cortado. As proeminentes rugas de cansaço indicavam uma idade avançada, mas acredito que era ainda bastante jovem. Sua postura revelava curiosa inquietude, e observei que ele olharia de tempos em tempos por cima dos ombros como se acreditasse estar sendo vigiado.

O que mais me chamara a atenção foram seus olhos. Eram negros e profundos, e seu olhar parecia ver através de mim, enxergando o cerne da própria realidade. Dirigiu-se a mim perguntando se eu era o dono lugar, sua voz rouca. Disse que sim, convidando-o para que entrasse.

Apresentou-se enquanto eu destrancava as portas. Disse que seu nome era Anísio, e comentou como ouvira falar de meu trabalho, motivo pelo qual me procurou. Ouvi-o listar dezenas de outros profissionais nos quais já havia ido, afirmando que ninguém nunca fora capaz de solucionar sua condição. Gesticulei para que esperasse sentado enquanto eu organizava a sala. Arrumei o lugar pensativo, refletindo sobre a profunda curiosidade que aquela figura despertara em mim. Decidi por fim desvendar os mistérios que assolavam a pobre alma.

Enquanto me sentava na poltrona de couro, ele já retomava sua narrativa. Reafirmou procurar ajuda há bastante tempo, dizendo eu ser a sua última esperança. Falei finalmente, apresentando-me e iniciando as perguntas que dariam início ao tratamento. Após alguns minutos, comecei a compreender sua situação.

Anísio parecia sofrer de algum tipo de psicose. Contou como via vultos onde não deveria haver ninguém, como sombras se esgueirando pelos cantos de seus olhos. As figuras apareciam brevemente em sua visão, perfis negros de olhos esbranquiçados, observando-o. Entretanto, logo que ele tentasse vê-las mais nitidamente desapareceriam.

Descreveu como se sentia paranoico. Afirmava para si que eram meras alucinações, completamente inofensivas, mas suas entranhas alertavam perigo. Um sussurro jazia em sua alma, tão insignificante quanto uma voz em meio à uma multidão, mas sempre presente, lembrando-o de que ele nunca estaria sozinho de que *eles* estariam sempre o observando.

Calafrios subiram pela minha espinha, uma mistura de excitação e pavor. Nunca havia observado nada parecido. De repente, todos os meus outros pacientes pareceram desprezíveis diante essa figura que me surgiu. Nele convergiam as retas da sanidade e da loucura, num ponto onde a mente conhece o que é real mas vivencia o imaginário. A simples ideia de me aprofundar nos pensamentos daquela alma faziam-me tremer ansioso.

Dei início ao caso como qualquer outro, recolhendo informações. Ouvi sua história. Anísio contou sobre a primeira vez que tivera um daqueles casos, alguns meses após se formar em direito, com tudo apontando para uma futura e promissora carreira como advogado. Numa noite de sábado, caminhando de volta para casa, estava perdido em seus próprios pensamentos. Guiando-se pelo caminho já rotineiro, algo despertou sua atenção. Do outro lado da rua, por de trás de um pequeno muro de tijolos, viu uma figura. Era um vulto completamente negro, duas luzes esbranquiçadas onde deveriam estar os

olhos. Piscou forte como que para confirmar que não estava sonhando. Viu-a por um ou dois segundos, e então ela desapareceu tão repentinamente quanto surgira. Disse para si mesmo que era efeito do álcool, que aquilo fora um produto de sua mente, mas chegando em casa não conseguia pensar em outra coisa, os pensamentos privando-o do sono por horas.

Sua vida despencara após o ocorrido. Continuou tendo as alucinações por várias semanas, cada vez mais frequentes. Comunicou seus pais, que, preocupados com a saúde do único filho, investiram nos melhores profissionais de que se tinha notícia.

Disse que tentaram diversos métodos, elaboraram numerosas teorias, mas nada parecia adiantar. Sempre que achava ter se recuperado, o sentimento de estar sendo observado o lembrava do contrário. Viajou o país, gastando fortunas em transportes e médicos, chegando por fim ao meu consultório, onde investira seus últimos recursos.

Comovi-me com a narrativa, ficando ainda mais entusiasmado a ajudá-lo. Disse que não cobraria nada pelos meus serviços, e que daria todo meu tempo para livrar sua alma daquela maldição.

Comecei uma série de tentativas das mais variadas para abordar a situação. Pesquisei entre os grandes estudiosos por casos semelhantes, mas aquele possuía algo de singular. Nos encontrávamos todos os dias, e conforme as semanas passaram fui me aprofundando nos pensamentos daquela mente desolada. Buscava uma origem, uma explicação, e após várias semanas algo pareceu surtir efeito.

Entre as centenas de casos entre os quais pesquisei, encontrei um semelhante. Vou poupar-lhes do aspecto técnico do tratamento, mas após uma série de consultas e alguns remédios Anísio me pareceu entusiasmado. Antes de um de nossos encontros afirmou num tom aliviado que passou um dia inteiro sem lhe ocorrerem aqueles pensamentos. Fiquei animado, e confiante de que meu tratamento o curaria mandei-o para casa.

Eram quase vinte e duas horas da noite quando Anísio bateu em minha porta. Eu estava organizando minha saída do consultório, e fui interrompido repentinamente por batidas pesadas à porta, uma voz perturbada solicitando que eu o deixasse entrar. Atendi já deduzindo que ele tivera outro ataque. Reascendi as luzes e fui junto dele para o consultório. Ele estava mais trêmulo que o normal, e seu aspecto me preocupou. Servi-o chá.

- Eles estão vindo, eles estão vindo, eles estão vindo... –

Ele sussurrava para si mesmo. Reclinou-se no divã, me sentei logo após. Perguntei o que acontecera.

Ele olhou para mim, e, então, através de mim. Seu olhar se perdia no ar. Perguntei novamente, tentando despertá-lo daquele transe. E então, aconteceu.

Enquanto guiava seus olhos pela sala, Anísio pareceu ver algo. Olhando para algum ponto atrás de mim, seus olhos se arregalaram, e sua boca se abriu num grito que cortou o silêncio que reinava no bairro.

Tive tempo apenas de tentar segurá-lo, mas o homem era muito mais forte que eu.

- ELES CHEGARAM, ELES CHEGARAM, ELES CHEGARAM... –

Sua voz se perdia num balbúcio incompreensível, as lágrimas tomando seu rosto agora vermelho. A expressão de puro pânico me aterrorizou, e tentei acalmá-lo.

- NÃO, EU NÃO QUERO MAIS, EU NÃO QUERO MAI VÊ-LOS! –

E então, como quem tem uma epifania, ele olhou para a colher com a qual misturava o açúcar. Olhou para mim, como se implorasse para que aquilo parasse. Então, hesitante, levantou a colher à altura de seus olhos.

- Eu não vou mais vê-los... –

Tentei impedi-lo, mas no momento em que me levantei já era tarde demais. Com o escopo da colher de prata, Anísio arrancou das próprias órbitas seus dois olhos, num berro de agonia que inundou meus ouvidos. Tive de fecha-los com as mãos, mas não consegui parar de olhar para a cena. O sangue escorria, caindo de sua face em gotas grossas. A carne agora pulsava pelos buracos na face de Anísio, seus olhos liquefeitos num estado irreconhecível. Levei a mão à boca resistindo à vontade de vomitar.

Seus gritos se tornaram cada vez mais baixos até cessarem completamente. Anísio despencou, mas agarrei-o em meus braços antes que atingisse o chão. Procurei sua pulsação, mas não senti nada.

Não sabia o que sentir. Meu coração pulsava fora de meu peito, a adrenalina fazendo com que meus pensamentos percorressem rapidamente minha mente. Foi quando eu vi.

Na porta atrás de Anísio, através do vão negro mal iluminado, eu vi uma figura se esgueirando. Como uma criança tímida procurando pela mãe, o vulto negro se estendia pelo portal adentrando a minha sala, observando. Meus olhos se encontraram com duas pequenas faíscas esbranquiçadas, que olhavam dentro de mim, no âmago de meu ser.

Fiquei tonto, minha visão se preenchendo por uma vertigem absoluta. Meus pensamentos se tornaram incoerentes, não sabia o que fazer. Acordei na manhã seguinte, o corpo de Anísio ainda em meus braços.

Não trabalho mais, fechei a clínica. Não reconheço mais as pessoas que me encaram na rua, e um sentimento de solidão tomou a minha vida. Conversei com alguns colegas de carreira, e alguns acham que podem me ajudar. Em qualquer caso, eu ainda o vejo. Aquele vulto. Ele me acompanha, me observando. Eu o sinto... apenas esperando pela oportunidade de tomar a minha alma, de me converter para o mesmo estado no qual colocou aquele sujeito. E sinto também que não posso impedi-lo.